

presidente José Sarney contesta a análise pessimista que tem surgido na imprensa brasileira a respeito da crise econômico-financeira e, em particular, dos evidentes desacertos do Plano Cruzado, sobretudo a partir do segundo semestre do ano passado e início de 87. Para o Presidente, existe um clima de pessimismo artificialmente criado, o qual não corresponderia à realidade.

Sarney está certo de que o julgamento da história fará justiça aos benefícios sociais gerados pelo Plano Cruzado, que incorporou 33 milhões de brasileiros ao mercado. Daqui para frente essa parte expressiva de nossa população, que antes estava marginalizada, lutará com todas as suas forças para conservar a condição de consumidores, que conquistaram graças ao Plano Cruzado.

Não impressiona o Presidente projeções que jogaram os juros bancários para 400, 500 e até 600 por cento nesta virada de ano. Ele aconselha o repórter a procurar algum banqueiro que aceite pagar esse juro por aplicação em prazo superior a 60 dias — como que lembrando que o governo adotará as providências cabíveis para reduzir os juros bancários.

O Presidente está certo de que o País crescerá este ano e que as correções que estão sendo encaminhadas não agravarão os problemas sociais. Quanto à inflação, recusa estimativas cabalísticas que tentam jogá-la para a estratosfera, advertindo que as taxas ficarão bem abaixo dessas profecias sinistras. Ele está convencido de que a inflação deverá se situar este ano em 60 por cento, uma taxa razoável para um País que enfrentava expectativa de 400 e até 500 por cento, no início do ano passado.

Quanto à dívida externa, Sarney está consciente de que o governo brasileiro segue o caminho mais adequado para obter uma renegociação razoável com o sistema financeiro internacional. Ele lembra que as mais importantes publicações européias, incluindo o prestigioso *Financial Times*, realçaram a competência do governo brasileiro em conduzir uma negociação que produziu um resultado que consagra as nossas posições. O Brasil renegociou débito atrasado de 85 e 86 e primeiro semestre de 87 com os bancos estatais dos países ricos, reunidos no chamado Clube de Paris, sem a necessidade de se submeter ao monitoramento do Fundo Monetário Internacional.

Resultado tão animador haverá de se refletir positivamente no espírito dos banqueiros privados, que respondem pela fatia majoritária da dívida externa brasileira. O Presidente está convencido de que o governo conseguirá um acordo com o sistema financeiro internacional que preserve os nossos interesses o que significa fechar o acordo sem comprometer a política de crescimento econômico do País com a qual o governo se comprometeu.

— Eu governo sempre atento a este documento — dizia-nos o Presidente apontando para o “Compromisso com a Nação” — o documento assinado por Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Aureliano Chaves e Marco Maciel e com o qual foi constituída a Aliança Democrática. “Poderá haver alguém mais culto, mais competente, mas ninguém ocupou a Presidência da República animado por maior desejo de acertar do que eu,” afirma Sarney.